

O INSÓLITO E A CRÍTICA SOCIAL EM “O LUME” E “MEMÓRIAS DUMA FORÇA”, DE EÇA DE QUEIRÓS

Jean Carlos Carniel (UNESP)¹

Resumo: Apesar de Eça de Queirós ser reconhecido como um autor realista, ele escreveu textos fantásticos, ao longo da carreira. Este trabalho almeja a análise dos folhetins “O lume” e “Memórias duma força”, publicados inicialmente no jornal “Gazeta de Portugal”, na década de 1860, e, posteriormente compilados em *Prosas bárbaras* (1903). Propõe-se uma leitura desses dois textos, com o objetivo de verificar como Eça de Queirós insere o insólito e a crítica social nas duas narrativas supracitadas.

Palavras-chave: Eça de Queirós; *Prosas bárbaras*; insólito; crítica social.

A obra *Prosas bárbaras*, uma coletânea dos textos escritos por Eça de Queirós no início de sua carreira, na década de 1860, por abarcar o insólito e por ter sido publicada em livro somente após a sua morte, no início do século XX, quando o escritor já era reconhecido como um autor realista, foi, muitas vezes, considerada um título menor da produção queirosiana. Apesar de não apresentar o realismo consagrado do escritor, a coletânea já insere a crítica social, uma característica visível no decorrer da sua carreira. A crítica social, dessa forma, não está restrita à sua produção realista, mas também aparece nos seus textos insólitos. Destacamos que entendemos o insólito levando em consideração os pressupostos defendidos por estudiosos como Flavio García (2007), que o compreende como um sinônimo de algo não natural e incomum:

se o insólito não decorre normalmente da ordem regular das coisas, senão que é aquilo que não é característico ou próprio de acontecer, bem como não é peculiar nem presumível nem provável, pode ser equiparado ao sobrenatural e ao extraordinário, ou seja, àquilo que foge do usual ou do previsto, que é fora do comum, não é regular, é raro, excepcional, estranho, esquisito, inacreditável, inabitual, inusual, imprevisto, maravilhoso. (GARCÍA, 2007, p.20).

O tratamento do insólito, em *Prosas bárbaras*, é bastante diversificado, abarcando de aparições fantasmagóricas e pactos diabólicos a descrições das vidas estranhas de saltimbancos e artistas, passando por relatos de mulheres maléficas que são capazes de destruir o homem e representações de uma natureza poderosa e opressora, mas que também tem a consciência das atrocidades cometidas pela humanidade. Nos textos de

¹ Graduado em Letras (UNESP), Mestrando em Letras (UNESP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo nº. 2016/25008-2. Contato: carniel.jc@gmail.com.

Prosas bárbaras, portanto, há um conjunto significativo de personagens miseráveis e de temas sociais do século XIX, como a desigualdade social, o materialismo burguês, os crimes cometidos pelo homem e o progresso técnico, mostrando que em textos insólitos, pode-se fazer a crítica social, o que mostra a importância desta obra no conjunto da produção queirosiana.

Objetiva-se, neste artigo, uma análise de duas narrativas presentes em *Prosas bárbaras*, “O lume” e “Memórias duma força”, que apresentam uma similaridade na irrupção do insólito, uma vez que temos personagens inanimados (o fogo e uma força) que são retratados de forma humanizada, e que fazem questionamentos de teor social.

Em “O lume”, é narrada a História da humanidade sob a perspectiva do fogo. Ressalta-se que o fogo esteve presente desde as civilizações mais antigas e apesar de ele estar conversando com um homem moderno, o fogo não fala especificamente desse sujeito, mas da humanidade em geral.

Nota-se o caráter reflexivo do lume, ao reconhecer, num tom de lamento, uma mudança de uso dele. Em épocas remotas, o fogo era utilizado para proteger o homem, passando, no entanto, a ser usado para o mal e para a barbárie humana (como sacrifícios humanos na fogueira e servindo de arma de guerra), apontando também para uma crítica à sociedade industrial, pois o fogo move as máquinas. O discurso do fogo é carregado de valores que remetem a uma vida simples e primitiva. Por outro lado, o afastamento desse estágio de vida é condenado pelo lume, pois ele critica o progresso, mostrando que o distanciamento do homem do mundo natural ocasiona uma mudança na função do fogo, pois ele passa a ser usado para praticar o mal, em diversos períodos históricos, como na época da Inquisição e do período colonial:

Por ti tenho feito o mal. Fui eu que matei Giordano Bruno, e João Huss, e tantos santos, e tantos mártires, e tantos alucinados de Deus! Fui eu que queimei nas cidades misteriosas de África as crianças e as virgens no altar de Moloch. Por ti, eu que sou a paz, fui devastação. Estou fatigado. (QUEIRÓS, 2004, p. 151).

Entretanto, é importante ressaltar que a principal crítica do lume é feita à sociedade moderna, à era das máquinas, ainda que ele discorra que matou homens queimados nos sacrifícios na África e na Inquisição, portanto, não seria uma crítica restrita ao século XIX. Na citação abaixo, nota-se a insatisfação do fogo perante as mudanças provocadas pela Revolução Industrial:

A mim que embalava as almas, fazes-me mover os aços. Embalo que era amor, movimento que é força: os dois termos da tua vida – pureza e putrefacção! Eu que vivia, alumiava, criava em liberdade estou encadeado e martirizado, na tarefa brutal das indústrias. Fazes-me o motor da tua miséria. Nas fábricas, as criaturas doentias, as crianças estioladas, as mulheres definhadas e soluçantes! Fazes-me mover a vapor estas misérias. Sou o colaborador dos teus martírios. Tu homem, tomas o fogo, o ser sagrado, por ajudante de execuções! Dás-me por salário a infâmia. Fazes de mim a *explosão*. Obrigas-me a devastar na guerra. (QUEIRÓS, 2004, p.153, grifo do autor).

As declarações do fogo enquadram-se numa perspectiva antiprogresso técnico, pois há uma crítica à sua função no mundo industrial, apontando, entre outras coisas, o trabalho infantil, a insalubridade dos espaços industriais, a miséria em que vivem os trabalhadores, e o mal que o fogo provoca.

Segundo António José Saraiva (1982), em “O lume”, já estaria posto o bucolismo contemplativo presente em algumas obras do final da carreira de Eça, como *A cidade e as serras*: “O progresso técnico só o vê como uma coisa lamentável porque rouba o homem à doçura e fresquidão dos campos [...] e, a acreditarmos o conto ‘O lume’, os homens deviam ter ficado ao redor do lume misterioso [...] na paz da vida primitiva” (SARAIVA, 1982, p.80). Com base nas afirmações de Saraiva, podemos estabelecer uma crítica às mudanças nas funções do fogo, provocadas pelo homem. Percebe-se que ele era usado para práticas de subsistência, por exemplo, privilegiando-se uma vida simples. Entretanto, o fogo passa a ser usado contra a humanidade e contra a natureza, isto é, serve como uma arma de guerra e se reduz a instrumento de trabalho na sociedade industrial. O homem deixa de usá-lo em seu estado primitivo (fogo), aprimora-o e, nesse progresso técnico, esse elemento denuncia as mazelas provocadas pelo desenvolvimento da sociedade, evidenciando, dessa forma, que tal progresso faz com que o homem perca as suas qualidades positivas, isto é, aquelas que remetem ao bem, à paz e ao amor, tal como pode ser constatado na fala do fogo:

Eu que sou a pureza, o trabalho, a família, a paixão casta, levas-me a ser o mal, a viuvez, o pranto e a dor! Tenho um cortejo de ambulâncias e de macas, eu que era o firmamento dos berços! Não! Maldita seja a árvore que consentir em ser forca, e o fogo que consentir em ser explosão! (QUEIRÓS, 2004, p.153-154).

A narrativa “O lume” mostra que o afastamento da vida simples e do contato com a natureza e o desenvolvimento técnico que tudo instrumentiza são prejudiciais à humanidade. Nesse conto, há uma valorização da vida simples que o homem supostamente teria em contato com a natureza. No entanto, o afastamento do homem do meio natural traz consequências negativas. Além disso, é interessante notar a citação, exposta no trecho acima, sobre uma árvore que aceitaria ser forca, assunto da próxima narrativa a ser analisada. Como veremos, o pedaço de madeira de “Memórias duma forca” também critica as ações humanas.

Em “Memórias duma forca”, temos um narrador que relata a vida de uma forca, utilizando um recurso típico da literatura gótica: o manuscrito encontrado. Defendemos, na nossa leitura, que a crítica social ocorre pela reflexão da forca, pois ela tem uma visão bastante negativa da humanidade e, ao mesmo tempo, reforça a ironia, pois a maldade é vista somente por ela, e não pelo homem, que é um ser racional.

De acordo com Teresa Manuela Vasques Fadista da Cruz Rosado, a “forca, objecto conotado com o Mal, condena as atitudes dos homens, pois são eles que tornam possível a sua activação como destruidora de vidas” (ROSADO, 2004, p.89). Acreditamos, portanto, que a relação do insólito com a crítica social esteja relacionada à mudança de valor que a forca recebe, pois ela usualmente está relacionada ao mal. Nesse conto, a madeira tem a consciência de que serve para a prática do mal, e condena essa prática humana. Concordamos, pois, com Rosado que defende que essa narrativa representa uma “crítica às mortes provocadas por enforcamento. Assim, perpassa em toda a narrativa um tom e um tema lúgubres, focando-se aspectos da miséria e da crueldade humanas e cultivando-se as descrições repugnantes” (ROSADO, 2004, p.89-90).

A árvore demonstra infelicidade em ter virado forca, uma vez que passa a ser utilizada para praticar o mal. Esse ponto de vista também é similar ao da narrativa “O lume”, pois o narrador critica o fogo que consentir em ser explosão e a madeira que aceitar ser forca. É pertinente mencionar que “Memórias duma forca”, publicado no final de 1867 (22 de dezembro), dialoga com o contexto daquele tempo, pois esse é o ano da abolição da pena de morte em Portugal. É provável, portanto, que Eça, ao escrever “Memórias duma forca”, estivesse fazendo uma denúncia da violência humana

característica da pena de morte, e manifestando apoio ao projeto político que propunha a sua abolição.

A crítica social vem justamente da reflexão de uma árvore, o que demonstra uma ironia, pois é ela quem parece se importar com a humanidade. Por sua vez, o homem é retratado como um ser maléfico e não está consciente dos atos que comete. Acreditamos que, também nesse conto, a maldade humana pode estar relacionada aos avanços técnicos. Como em “O lume”, que em seu estado primitivo deixa de ser fogueira e passa a ser arma de guerra ou alimento para as chaminés das indústrias, a árvore passa a ter uma função de trabalho e, neste caso, também pode ser utilizada para praticar o mal:

Eu sentia que ia para uma vida real, de serviço e de trabalho. Mas qual? Eu tinha ouvido falar das árvores que vão ser lenha, aquecem e criam, [...] eu tinha ouvido falar das que vão ser vigas da casa do homem [...] Eu tinha ouvido falar também nas árvores de bom destino, que vão ser mastros de navio. (QUEIRÓS, 2009, p.110-111).

Nesse caso, sua função é matar: “O meu destino era matar. Os homens, cujas mãos andam sempre cheias de cadeias, de cordas e de pregos, tinham vindo aos carvalhos austeros, buscar um cúmplice! Eu ia ser a eterna companheira das agonias. Presos a mim iam balouçar-se os cadáveres [...]” (QUEIRÓS, 2009, p.111). Corrobora-se a visão negativa e irônica que se tem do homem, pelo fato de ele não ser munido de piedade.

Eça de Queirós, nos seus escritos iniciais, faz uso recorrente de personagens de camadas sociais inferiores e que são retratados de forma marginalizada. Por isso, Saraiva destaca o autor de *Prosas bárbaras* como um antiburguês, ao afirmar que Eça teria herdado “o preconceito romântico e todo literário contra o burguês” (SARAIVA, 1982, p.80). O crítico exemplifica a simpatia de Eça pelas camadas populares com uma passagem de “Memórias duma força”, na qual a madeira enforca um pobre operário, que “no Inverno não teve trabalho, nem lume, nem pão. Tomado dum desespero nervoso, roubou. Foi enforcado ao sol-posto” (QUEIRÓS, 2009, p.114).

A exemplificação de Saraiva (1982), a nosso ver, mostra a preocupação de Eça com os assuntos de teor social mesmo em textos insólitos, pois dos vinte crimes punidos pela força, o narrador relata três: um homem pobre que roubou comida para alimentar a família, citado acima; um homem pensador, “filho do bem e do verdadeiro”

(QUEIRÓS, 2009, p.114), que provavelmente fora condenado por motivos políticos; e um homem que supostamente teve um caso de amor proibido, pois ele “tinha amado uma mulher e tinha fugido com ela” (QUEIRÓS, 2009, p.114) – para a forca, o amor seria um direito natural: “O seu crime era o amor, que Platão chamou *mistério*, e Jesus chamou *lei*. O código puniu a fatalidade magnética da atracção das almas, e corrigiu Deus com a forca!” (QUEIRÓS, 2009, p.114, grifos do autor). Nos três casos, há compaixão para com os condenados, o que nos mostra que a pena de morte não é a melhor opção, segundo o ponto de vista adotado na narrativa.

O conto finaliza com a morte da forca, por velhice. Após a narração das memórias da forca, o narrador ressalta uma nota irônica: “Assim era a história testamentária da forca abandonada e morta! Oh meu Deus, se os seus átomos fossem agrupar-se e solidificarem-se para fazerem o maquinismo da arma *chasseport?*....” (QUEIRÓS, 2009, p.115). Ao se perguntar o que seria da forca se os seus átomos servissem para fabricar uma arma que seria utilizada, posteriormente, na Guerra Franco-Prussiana, o narrador reforça a crítica social, pois sugere uma continuidade da violência, já que o homem encontra outras formas para praticar o mal, uma vez que a arma de fogo é um substituto da forca, e seria, aliás, uma forma mais rápida e prática de matar.

Nota-se, ao longo da narrativa, a ironia que reside na humanização da forca. A compaixão pelo próximo e a consciência das atrocidades cometidas pela pena por enforcamento vêm justamente de um pedaço de madeira. Por outro lado, o homem, um ser racional, é retratado como um ser impiedoso e praticante do mal.

Portanto, “Memórias duma forca”, ao lado de “O lume”, apresenta o fantástico por meio da humanização de um objeto inanimado, sendo uma representação insólita para tratar de assuntos sociais. Assim sendo, com a nossa pesquisa de Mestrado intitulada “O insólito e a crítica social nos textos ficcionais de *Prosas bárbaras*, de Eça de Queirós”, apontamos que as narrativas presentes nessa coletânea, muitas vezes, relegada, por não apresentar o realismo consagrado de Eça de Queirós, já apresentam a crítica social, portanto, essa característica não estaria restrita à produção realista do autor, o que nos leva a defender uma leitura alternativa do escritor de *O primo Basílio*, que leve em conta a importância dos textos fantásticos e insólitos em sua produção.

Referências

GARCÍA, Flavio. O “insólito” na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários. *In*: _____ (Org.). **A banalização do insólito: questões de gênero literário** – mecanismos de construção narrativa. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2007. p. 11-22.

QUEIRÓS, Eça de. **Contos I**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

_____. **Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal)**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

ROSADO, Teresa Manuela Vasques Fadista da Cruz. **Camilo e Eça: o apelo do horror**. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos – Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/22956>>. Acesso em: 1 maio 2018.

SARAIVA, António José. **As ideias de Eça de Queirós**. 2. ed. Lisboa: Bertrand, 1982.